

Ancestralidade e saúde: experiência universitária na realidade dos povos de terreiro

Ancestrality and health: university experience in the reality of farmyard peoples

Ancestralidad y salud: la experiencia universitaria en la realidad de los pueblos terreiro

Felipe Magdiel Bandeira Montenegro

Graduando em Enfermagem pela Faculdade do Complexo Educacional Santo André, Assú, RN, Brasil;

E-mail: felipemagdiel9@gmail.com; ORCID: 0009-0007-6050-9086

Vinícius Costa Maia Monteiro

Mestre em Enfermagem, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil;

E-mail: viniciusmaiaenf@gmail.com; ORCID: 0000-0003-2194-6463

Contribuição dos autores:
FMBM foi o autor da ideia da construção do artigo, escritor geral da obra e discente vivente da vivência. VCMM foi o orientador geral da obra. Ambos se responsabilizam pelo conteúdo do artigo.

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflito de interesses.

Fontes de financiamento:
Próprio.

Recebido em: 12/04/2025

Aprovado em: 15/01/2026

Editora responsável: Fabiana Mânica Martins

Resumo: O objetivo desta pesquisa é descrever a experiência vivida por estudantes do curso de graduação em Enfermagem no terreiro Jurema Cruzeiro do Sul, localizado na cidade de Assú/RN, onde está situada a Faculdade do Complexo Educacional Santo André. No início do ano letivo, na disciplina de Saúde Coletiva, foram implementadas temáticas sobre grupos em situação de vulnerabilidade em saúde. A população negra foi um dos temas estratégicos, o que levou à discussão sobre a ancestralidade da cultura negra e sua relação com a saúde de indivíduos de religiões de matrizes africanas. Nesse contexto, surgiram questionamentos sobre a saúde nos terreiros e como o preconceito cultural associado a essas religiões dificulta o acesso dos indivíduos aos serviços de saúde. Durante a visita ao terreiro, fomos apresentados aos filhos da casa e ao Pai Judson, que contribuiu para a vivência dos discentes. Pai Judson contou histórias sobre as religiões de matrizes africanas, esclareceu questões relacionadas à saúde e explicou aspectos da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), dando uma verdadeira aula sobre a população negra e sua relação com a saúde. Em conclusão, observa-se que os praticantes de religiões de matriz africana enfrentam dificuldades de acesso aos serviços de saúde devido ao preconceito cultural enraizado. A experiência universitária configurou-se como uma importante estratégia para promover a desconstrução desse preconceito e ampliar os horizontes dos futuros profissionais de Enfermagem.

Palavras-chave: Religiões Afro-Brasileiras; Saúde da População Negra; Saúde; Enfermagem; Preconceito.

Abstract: The objective of this research is to describe the experience of undergraduate Nursing students at the Jurema Cruzeiro do Sul Farmyard, located in the city of Assú/RN, where the Santo André Educational Complex Faculty is situated. At the beginning of the academic year, in the Community Health discipline, topics related to groups in situations of health vulnerability were introduced. The Black population was one of the strategic themes, leading to discussions about the ancestry of Black culture and its relationship with the health of individuals from African-based religions. In this context, questions arose about health in Farmyards and how cultural prejudice associated with these religions hinders individuals' access to healthcare. During the visit to the terreiro, we were introduced to the

members of the house and the pai de santo, Judson, who contributed to the students' experience by sharing stories about African-based religions, clarifying health-related issues, and explaining aspects of the National Policy for Comprehensive Health Care for the Black Population (PNSIPN). This provided a true lesson on the Black population and its relationship with health. In conclusion, it is evident that African-based religions face difficulties in accessing healthcare services due to deep-rooted prejudice. The university experience has proven to be one of the ways to promote the deconstruction of this prejudice and broaden the perspectives of future Nursing health professionals.

Keywords: Afro-Brazilian Religions; Black Population Health; Health; Nursing; Prejudice.

Resumen: El objetivo de esta investigación es describir la experiencia vivida por estudiantes del curso de graduación en Enfermería en el terreiro Jurema Cruzeiro do Sul, ubicado en la ciudad de Assú/RN, donde se encuentra la Facultad del Complejo Educacional Santo André. Al inicio del año lectivo, en la disciplina de Salud Colectiva, se implementaron temáticas sobre grupos en situación de vulnerabilidad en salud. La población negra fue uno de los temas estratégicos, lo que llevó a la discusión sobre la ancestralidad de la cultura negra y su relación con la salud de individuos de religiones de matriz africana. En ese contexto, surgieron cuestionamientos sobre la salud en los terreiros y cómo el prejuicio cultural asociado a estas religiones dificulta el acceso de los individuos a los servicios de salud. Durante la visita al terreiro, fuimos presentados a los hijos de la casa y al Pai Judson, quien contribuyó a la vivencia de los estudiantes. Pai Judson contó historias sobre las religiones de matriz africana, aclaró cuestiones relacionadas con la salud y explicó aspectos de la Política Nacional de Salud Integral de la Población Negra (PNSIPN), impartiendo una verdadera clase sobre la población negra y su relación con la salud. En conclusión, se observa que los practicantes de religiones de matriz africana enfrentan dificultades de acceso a los servicios de salud debido al prejuicio cultural arraigado. La experiencia universitaria se configuró como una importante estrategia para promover la deconstrucción de este prejuicio y ampliar los horizontes de los futuros profesionales de Enfermería.

Palabras clave: Religiones Afrobrasileñas; Salud de la Población Negra; Salud; Enfermería; Prejuicio.

INTRODUÇÃO

A ancestralidade da população negra no contexto do território brasileiro é bastante notória, marcada por diversos acontecimentos históricos, como a escravidão, que reverbera nas estruturas sociais, culturais e políticas. Durante mais de três séculos, milhões de africanos foram trazidos à força de seu continente para o Brasil, originando o regime escravocrata, o que resultou no apagamento profundo das identidades religiosas, sociais e culturais dos escravizados¹.

Esse processo desumano de subjugação não apenas separou os povos africanos de sua terra de origem, também interrompeu os saberes populares fundamentais para a formação do indivíduo idealizado pela população negra^{2,3}.

Mesmo com todas as atrocidades culturais sucedidas em território brasileiro, a ancestralidade da população negra conseguiu manifestar-se e prevalecer nacionalmente, aumentando a miscigenação dos povos e os saberes populares sociais, culturais e religiosos. A riqueza adicionada à cultura brasileira por meio da população negra é de longe a mais rica, o que reforça a importância das práticas religiosas afrodescendentes na preservação das raízes dos antigos povos trazidos para o Brasil sem nenhuma escolha².

Dos mais de 200 milhões de brasileiros, mais de 50% da população se autodeclara preta ou parda. Desse percentual, apenas 0,3% alegam pertencer a religiões afro-brasileiras. Isso evidencia uma baixa adesão da população negra às suas raízes africanas⁴.

As comunidades de terreiro constituem espaços de preservação cultural e culto das religiões de matriz africana, desempenhando um papel crucial para o bem-estar da população negra residente e resiliente, de modo a manter a identidade sociocultural desse grupo no território brasileiro. Os terreiros possuem organizações sociais próprias, lideradas por figuras ancestrais importantes, conhecidas no Brasil como Exu, Oxalá, Ogum, Oxóssi, Oxum,

Oxumaré, Xangô, Iansã, Iemanjá, Nanã, Omolu, Logunedé, Obá, Ossain, Yewá e Ibeji. Essas entidades guiam as práticas religiosas e influenciam positivamente as interações sociais, promovendo luz e equilíbrio^{1,3,5}.

Em 1946, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu que uma pessoa saudável não é apenas aquela livre de patologias ou enfermidades, mas sim o indivíduo que tem seus direitos assegurados, incluindo os sociais, culturais, religiosos, mentais e físicos. Esse conceito se encaixa perfeitamente na noção de saúde mediada pela ancestralidade da população negra, que, muitas vezes, não consegue acessar cuidados adequados devido a fatores associados ao preconceito⁶.

No Brasil, o conceito de saúde popular é raramente abordado nos níveis formais de atenção à saúde, sendo mais discutido em rodas de conversa no campo da saúde coletiva. A ancestralidade e a cura são temas de grande relevância para diversos grupos, especialmente para a população negra, porque são compreendidas como um elo que conecta passado, presente e futuro. Essa conexão fornece uma base cultural e espiritual que influencia práticas de cuidado e bem-estar. A relação com os antepassados é reconhecida como uma fonte de saberes, identidade e pertencimento — elementos fundamentais para a integridade do indivíduo em sua busca por saúde⁷.

Os saberes populares, conforme conceitualizados por Paulo Freire^{8,9}, referem-se ao conhecimento produzido a partir da experiência vivida por grupos historicamente oprimidos, em diálogo crítico com a realidade concreta. Diferentemente do saber erudito hegemônico, o saber popular valoriza a práxis — união entre ação e reflexão — e promove processos emancipatórios ao reconhecer a legitimidade dos conhecimentos construídos nas comunidades. Nos terreiros de religiões de matriz africana, esses saberes manifestam-se nas práticas ancestrais de cuidado, como o uso de plantas medicinais, os rituais de purificação e a mediação espiritual, que complementam ou desafiam a abordagem biomédica tradicional, promovendo uma saúde integral nas dimensões física, emocional, espiritual e coletiva.

Em 2009, foi criada a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

(PNSIPN), com o objetivo de promover a saúde desta população no Brasil. Historicamente, esse grupo enfrenta diversas desigualdades estruturais, decorrentes do racismo e da exclusão social. A PNSIPN destaca-se por reconhecer as especificidades culturais, sociais e sanitárias da população negra, incluindo os povos de terreiro, que frequentemente preservam práticas ancestrais de cuidado¹⁰.

A PNSIPN reconhece que o racismo estrutural e institucional é o principal determinante social da saúde da população negra, pois perpetua desigualdades históricas decorrentes do processo escravocrata, da exclusão socioeconômica pós-abolição da escravatura e da discriminação persistente¹⁰⁻¹². Conforme apontam Nascimento e Silva², essas desigualdades históricas e sociais impactam diretamente as práticas de cuidado nos terreiros, constituindo-se como barreiras concretas à efetivação da equidade em saúde. Essa política busca promover equidade no acesso aos serviços de saúde, considerando as especificidades culturais e as vulnerabilidades agravadas pelo preconceito religioso direcionado aos povos de terreiro, que frequentemente enfrentam barreiras no Sistema Único de Saúde (SUS) por receio de julgamento ou intolerância.

Para alcançar um estado pleno de saúde, as comunidades de terreiro incorporam conhecimentos que vão muito além das abordagens biomédicas tradicionais. Algumas dessas práticas já são reconhecidas e integradas ao SUS, como a fitoterapia, a acupuntura e outras formas de medicina alternativa¹.

Os povos de terreiro obtiveram, após muita luta, o devido reconhecimento. A Resolução n. 715 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) estabelece diretrizes para a inclusão dos terreiros nas redes públicas de saúde, em consonância com a Constituição Federal e a PNSIPN. Essa política visa garantir os direitos da comunidade, combater as desigualdades sociais, culturais e religiosas, além de promover o bem-estar. Tais medidas formam um arcabouço legal que apoia as pautas dos terreiros, especialmente quando relacionadas à saúde. A integração dessas normativas ao SUS representa um avanço importante na garantia do direito à saúde para todos os cidadãos, com respeito às suas identidades e tradições⁴.

É notório que, nos tempos contemporâneos, o racismo direcionado às populações de terreiro ainda persiste, tanto dentro quanto fora dos ambientes acadêmicos¹³. O combate às desigualdades deve começar na formação do indivíduo e se estender à formação profissional. Os espaços universitários precisam reconhecer a importância da inclusão de comunidades historicamente marginalizadas, como os povos de terreiro, promovendo a quebra de tabus e preconceitos, para que os futuros profissionais saibam lidar com essas populações de forma ética e humanizada. Assim, destaca-se a relevância da experiência acadêmica como ferramenta fundamental na superação do preconceito entre estudantes de graduação.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é descrever a experiência vivida por estudantes universitários em um terreiro de Jurema, buscando compreender a relação entre espiritualidade e cuidado em saúde.

METODOLOGIA

Em meados de abril, quando a turma do 6º período estava cursando a disciplina Saúde Coletiva II, com aulas sobre a PNSIPN, chegou-se ao debate sobre origens, cultura, religião e inclusão. Como é de conhecimento público, as religiões de matriz africana são cercadas por tabus e preconceitos. Diante disso, o docente levantou a questão “Vocês conseguem fazer saúde no terreiro?” para os alunos, provocando várias reflexões entre os estudantes, futuros profissionais de Enfermagem.

Por esse motivo, o presente estudo consiste em um relato de experiência, de caráter descritivo, acerca da visita realizada em 2023 por estudantes do 6º período do curso de Enfermagem da Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA) ao terreiro Casa Espírita de Jurema Cruzeiro do Sul, localizado na cidade de Assú, interior do Rio Grande do Norte. A atividade contou com a participação de 24 estudantes e só foi possível graças à iniciativa do professor da disciplina de Saúde Coletiva, que, com essa ação, contribuiu para o aprimoramento do conceito de saúde, mediante experiências e vivências em comunidades menos assistidas, evidenciando o quanto essas práticas são fundamentais para a formação do profissional de Enfermagem.

A ida ao terreiro de Jurema ocorreu na primeira quarta-feira do mês de maio de 2023. Os alunos saíram da instituição por volta das 19h30, em um ônibus fretado, acompanhados pelo docente responsável. A visita foi encerrada às 21h20.

O relato de experiência com inspiração fenomenológica foi escolhido pela necessidade de descrever a vivência tal como se apresentou aos estudantes, com a suspensão de juízos prévios para acessar o significado atribuído à experiência. A fenomenologia, fundamentada em Edmund Husserl, propõe a redução fenomenológica (*epoché*), isto é, a suspensão temporária de preconceitos e certezas cotidianas para voltar às coisas mesmas — à experiência vivida em sua essência^{13,14}. Aplicada ao contexto educativo em saúde, essa abordagem permite que os discentes reflitam criticamente sobre o encontro com o terreiro, transformando dúvidas e estereótipos em compreensão autêntica do cuidado culturalmente sensível, conforme já explorado em estudos de Enfermagem que utilizam a fenomenologia para analisar vivências em comunidades marginalizadas¹⁵.

Trazendo essa abordagem para o contexto das vivências universitárias e da superação de preconceitos, o método fenomenológico pode ser aplicado no seguinte sentido: “é preciso que o estudante recuse, para si mesmo, os pressupostos ou pré-conceitos sobre a natureza da vivência que lhe é apresentada e vivida”¹³. Dessa forma, o estudante é convidado a desenvolver, com suas próprias palavras, uma reflexão crítica e autêntica sobre a realidade dos terreiros¹⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da visita

No início do ano letivo, com a disciplina de Saúde Coletiva, iniciaram-se debates e questionamentos sobre as diversas maneiras de se adquirir saúde, retomando todo o contexto do que é ser saudável. A sabedoria popular está presente em várias partes do território brasileiro e é responsável por cuidar dos indivíduos que a saúde convencional não consegue alcançar, seja por motivos geográficos ou por barreiras culturais, como o preconceito institucional³. Dessa forma, introduziu-se discussões sobre a população negra, haja vista os diversos percalços enfrentados por esse grupo e a importância de os profissionais da área da saúde compreenderem as

vulnerabilidades dos negros.

O terreiro configura-se como um significativo espaço de conhecimento popular e uma das vias para atingir saúde física, emocional, psicológica e espiritual¹. Com o intuito de promover melhorias e facilitar o acesso à saúde, surgiu a ideia de realizar uma visita a um terreiro, a fim de enfrentar o primeiro desafio: a quebra do preconceito cultural.

No planejamento da visita, a discussão sobre a proposta foi o primeiro passo para preparar a turma e orientá-la sobre o que seria vivenciado, especialmente porque nem todos os alunos tinham uma compreensão prática do que significa fazer saúde por meio dos saberes populares e da ancestralidade. Após várias conversas sobre saúde da população negra e os terreiros, observou-se um clima de dúvida entre os estudantes, acompanhado por um sentimento de curiosidade: como seria, de fato, um terreiro? Isso despertou nos alunos a consciência de que, para superar preconceitos, é preciso conhecer. Assim, grande parte da turma se dispôs a participar da visita.

Na visita

No dia proposto pelo professor, deslocamo-nos até o terreiro de Jurema, onde o líder espiritual Judson, conhecido como Pai Judson, nos recebeu calorosamente, junto dos filhos da casa. Antes de iniciarmos as discussões sobre religião, cura e saberes, foi realizada uma defumação como forma de recepção, purificação e afastamento de energias negativas.

Inicialmente, todos se apresentaram e relataram como conheceram a religião do Candomblé, compartilhando suas trajetórias de escolha, resiliência e resistência, uma vez que muitos vieram de famílias com forte influência cristã. Pai Judson explicou como são feitos os cultos da casa e como essas práticas se interligam à saúde. O terreiro acolhe pessoas aflitas, em busca de conselhos, visões sobre o futuro ou mesmo alívio de enfermidades.

As religiões de matriz africana no Brasil emergiram com a chegada dos povos escravizados entre os séculos XVI e XIX, oriundos de regiões que hoje correspondem a países como Nigéria, Benim e Angola. As práticas enraizadas na cultura dos povos trazidos à força foram transplantadas para um contexto

de opressão colonial¹². A ancestralidade consolidou-se como um fundamento essencial da identidade individual, refletindo um símbolo de luta e resiliência – tanto naquela época quanto atualmente.

A repressão foi uma constante entre as religiões que não apresentavam traços do catolicismo. Desde meados do século XX, Candomblé, Umbanda e Jurema foram perseguidos e criminalizados, com terreiros invadidos e adeptos perseguidos sob acusações infundadas¹⁶. O reconhecimento veio lentamente, por meio de lutas sociais e da Constituição de 1988, que assegura a liberdade religiosa¹⁷. Apesar dos avanços, muitos obstáculos ainda persistem para as comunidades de terreiro.

Durante a visita, foram discutidos os diferentes tipos de religião de matriz africana –Candomblé, Umbanda e Jurema –, desmistificando-se a ideia de que todos seriam a mesma coisa ou variações de uma única corrente religiosa.

O Candomblé, vindo diretamente da África, destaca-se pelo culto aos orixás, divindades que simbolizam forças da natureza. Preserva elementos culturais, como o uso de línguas iorubás e bantas. A ancestralidade é o ponto crucial da religião, funcionando como uma conexão com o passado¹⁸.

A Umbanda, surgida no Brasil no século XX, é uma fusão de influências africanas, indígenas, espíritas e católicas. Com orixás, caboclos e pretos-velhos, a religião tem como foco a caridade e o auxílio por meio da mediunidade¹⁹.

Por sua vez, a Jurema é uma religião afro-indígena, presente principalmente no Nordeste brasileiro. Utiliza a planta jurema sagrada em seus rituais e valoriza a conexão espiritual com os “mestres”, por isso a ancestralidade é mantida como pilar central²⁰.

Pai Judson fez questão de esclarecer todas as dúvidas dos alunos, colaborando para a quebra de preconceitos, a desconstrução de tabus e a explicação de aspectos da religião. A visita não se limitou à vivência religiosa. Durante sua explanação, Pai Judson destacou como a PNSIPN visa combater o racismo institucional no âmbito do SUS, garantir o respeito às práticas

ancestrais de cuidado e facilitar a inclusão das comunidades de terreiro nas redes de atenção à saúde, reduzindo barreiras impostas pelo preconceito cultural que afastam adeptos dos serviços de saúde por medo de discriminação²¹. Essa explanação configurou-se como uma verdadeira aula prática sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, evidenciando na vivência coletiva como a PNSIPN busca promover equidade no acesso à saúde, considerando as desigualdades históricas e sociais que afetam a população negra e o racismo como determinante social da saúde^{2,10,21}.

Depois da visita

A visita gerou grande repercussão nos cursos de Enfermagem da FACESA. A metodologia utilizada pelo professor – baseada na vivência – inicialmente foi questionada, mas, após a experiência, os estudantes passaram a compartilhar com colegas de outros períodos os impactos positivos da atividade. Relataram que se tratou de uma oportunidade ímpar para quebrar preconceitos e ampliar a visão sobre saúde e espiritualidade.

Ao chegarem ao terreiro, os estudantes perceberam que aquele espaço era muito mais do que um local de culto: era um ambiente de cuidado, com uso de ervas, rituais que acalmam corpo e alma e forte presença da ancestralidade como forma de promoção da saúde. Notaram também o peso do preconceito enfrentado pela comunidade e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. A experiência serviu para desvelar uma realidade que não está nos livros.

A principal lição aprendida foi que a saúde não deve ser apenas técnica; precisa ser humana, acolhedora e sensível às culturas e diversidades. No Brasil, onde cada comunidade tem sua própria história de vida e de cuidado, respeitar as particularidades é essencial para fazer a diferença. A visita ao terreiro Jurema Cruzeiro do Sul permitiu que os estudantes rompessem barreiras, desconstruísem preconceitos arraigados e levassem consigo aprendizados capazes de impactar sua formação e sua futura prática profissional.

O saber popular foi amplamente valorizado como uma expressão do que é ser saudável. No contexto do terreiro, esse conhecimento ancestral está

presente no uso de plantas medicinais, no cuidado comunitário e na valorização da dimensão espiritual da saúde.

No SUS, práticas ancestrais e saberes populares são reconhecidos por meio de políticas como a PNSIPN, discutida durante a visita^{4,15}. No entanto, a intolerância religiosa ainda é um obstáculo que aprofunda desigualdades, afastando adeptos de religiões de matriz africana dos serviços de saúde por medo de julgamento. Por isso, vivências como a atividade educativa no terreiro Jurema Cruzeiro do Sul são fundamentais para a formação de profissionais conscientes e preparados para atuar com respeito à diversidade.

Ademais, a experiência dos alunos do 6º período despertou o interesse de outras turmas, que expressaram o desejo de participar de iniciativas semelhantes. A metodologia baseada na vivência foi amplamente elogiada pelos discentes como recurso útil para elevar o nível da formação profissional na Faculdade do Complexo Educacional Santo André.

A partir dessa experiência, alunos e professor desenvolveram pesquisas e apresentaram seus relatos em eventos científicos, como o Congresso Brasileiro de Enfermagem, no Rio de Janeiro, e o Congresso Potiguar de Atenção em Saúde, em Natal. Assim, promoveram a valorização do saber popular e a quebra de preconceitos mediante a vivência de estudantes de uma instituição privada em um terreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência no terreiro Jurema Cruzeiro do Sul evidenciou o potencial transformador das práticas pedagógicas críticas e antirracistas na formação em Enfermagem, ao confrontar diretamente o preconceito cultural e valorizar os saberes ancestrais como forma legítima de promoção da saúde integral. Reconhecendo o racismo estrutural como principal determinante social da saúde da população negra, a experiência contribuiu para a desconstrução de barreiras que dificultam o acesso equitativo das comunidades de terreiro ao SUS.

Mais do que uma atividade acadêmica isolada, tratou-se de um exercício de diálogo intercultural, o qual revelou a necessidade de incorporar estratégias

vivenciais na graduação. Elas favorecem a efetivação de políticas como a PNSIPN e posicionam os futuros profissionais como agentes ativos na construção de um cuidado democrático, humanizado e respeitoso às trajetórias históricas e culturais da população negra.

REFERÊNCIAS

1. Dias GS. Contra colonização de conceitos geográficos: pensando o território na perspectiva das comunidades tradicionais e dos terreiros de Candomblés. *Rev Est Afric Afro-Bras.* 2021 [acesso 12 fev. 2025];4(10):50-62. Disponível em: <https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/17405>
2. Nascimento WF, Silva JM. A Saúde desde os Terreiros: desafios da política nacional de saúde integral da população negra na perspectiva das religiões de matrizes africanas. *Rev Calundu.* 2023 [acesso 12 fev. 2025];6(2):5–18. doi:10.26512/revistacalundu.v6i2.46421.
3. Matos RM. Nas encruzilhadas do Axé: experiências e representações de gênero e sexualidade em um terreiro de Candomblé Angola no centro-oeste brasileiro [dissertação]. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; 2022 [acesso 13 fev. 2025]. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4608>
4. Brasil. Resolução N° 715 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Dispõe sobre as orientações estratégicas para o Plano Plurianual e para o Plano Nacional de Saúde provenientes da 17ª Conferência Nacional de Saúde e sobre as prioridades para as ações e serviços públicos de saúde aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2023 [acesso 14 jan. 2025]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2023/resolucao-no-715.pdf>
5. Farias KP, Crossetti MGO, Goes MGO, Portella VC. Práticas em saúde: ótica do idoso negro em uma comunidade de terreiro. *Rev Bras Enferm.* 2016 [acesso 16 jan. 2025];69(6):590-7. doi:10.1590/0034-7167.2016690403i.
6. Segre M, Ferraz FC. O conceito de Saúde. *Rev Saude Publica.* 1997 [acesso 12 jan. 2025];31(5):538–42. doi:10.1590/S0034-89101997000600016.
7. Reis LLS. A bandeira de tempo: identidade e territorialidade do povo de terreiro do bairro do Pontal, Ilhéus-BA. *Rev Embornal.* 2023 [acesso 03 mar. 2025];14(27):09-28. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/13451>
8. Freire P. *Pedagogia do oprimido.* 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2019.
9. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra; 2005.
10. Ministério da Saúde (BR). Política Nacional de Saúde Integral da População Negra [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde (BR). 2009 [acesso 03 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-sem-racismo/publicacoes/politica-nacional-de-saude-integral-da-populacao-negra-1-edicao-2010>
11. Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Rev Saude Soc.* 2016 [acesso 12 jan. 2025];25(3):535–49. doi:10.1590/S0104-129020162610.

12. Portela EM, Silva DM, Silva ACF, Bruno SMS. O preconceito e a intolerância enfrentados pelas religiões afro-brasileiras umbanda e candomblé: uma abordagem transversal e multidisciplinar. *Rev Processus Est Gest Jurid Financ*. 2021 [acesso 03 mar. 2025];12(43):15-30. doi:10.5281/zenodo.5795668.
13. Miregui MAB. A docência de enfermagem em uma Universidade Pública - um enfoque fenomenológico [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1993 [acesso 2 jan. 2025]. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1015924>
14. Spinola MEM. A ontologia da poíesis e a reflexão do fundamento do homem em Martin Heidegger. *Exist Arte*. 2014 [acesso 10 jan. 2025];X(IX):06-21. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/01_A_Ontologia_da_Poesise_a_Reflexao_do_Fundamento_do_Homem_em_Martin_Heidegger.pdf
15. Merigui MAB, Banadio IC. A vivência dos alunos de graduação em enfermagem na assistência à saúde da mulher em uma comunidade de baixa renda – uma abordagem fenomenológica. *Rev Esc Enferm USP*. 1998 [acesso 07 jan. 2025];32(2):109-16. doi:10.1590/S0080-62341998000200003.
16. Pereira E. Da escravidão à liberdade: a imagem de Anastácia entre arte contemporânea, política e religião. *Rev Horiz Antropol*. 2023 [acesso 04 mar. 2025];29(67):e670410. doi:10.1590/1806-9983e670410.
17. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília: Senado Federal. 1988 [acesso 04 mar.2025]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
18. Gordenstein SL. De sobrado a terreiro: a construção de um candomblé na Salvador oitocentista [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2021 [acesso 04 mar. 2025]. 382 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33551>
19. França BZ. Umbanda é para todos, mas nem todos são para a Umbanda: multiplicidade, pluralismo religiosos e gênero em um terreiro de Umbanda Esotérica [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2021 [acesso 04 mar. 2025]. 163 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/36195>
20. Silva CHA. No “Terreiro Mágico” do cambinda brasileira: a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu [monografia]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2024 [acesso 04 mar. 2025]. 50 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/31514>
21. Saraiva LAF. E lá no mar tem um segredo! Saúde e cuidado no terreiro: Investigação bioética sobre a cura no quilombo Santa Rosa dos Pretos – MA [tese]. Brasília: Universidade de Brasília; 2022 [acesso 13 fev. 2025]. 233 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44776>